

A pecuária bovina Moçambicana (conclusão)

3 — EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA PRODUTIVA

SUL

Sector tradicional

Verificou-se no capítulo anterior que, depois de uma subida entre 1960 e 1964 e de uma descida até 1968, a produção foi a partir desse ano progressivamente crescendo até 1971, com também progressiva melhoria do peso médio da carcaça, fenómeno este último que já vinha a registar-se desde 1966 e se prolongou mesmo para 1972, ano em que diminuiu a produção total. Mas terá, em todo esse período, sido alterada a estrutura produtiva da pecuária bovina moçambicana? Esse será o ponto a abordar neste capítulo.

Por serem o sector tradicional e o evoluído bastante distintos nas suas finalidades imediatas e por diversa a densidade pecuária nas várias grandes regiões do território, a estrutura produtiva será considerada por sector dentro de cada bloco regional.

Para cada um dos blocos regionais é, seguidamente, em gráfico e com base nos dados do quadro do Anexo A, indicada, tanto para o sector tradicional como para o evoluído, a evolução do efectivo total, do número de fêmeas com dois e mais anos e do número de crias no período de 1960 a 1972.

O efectivo total dá-nos uma ideia global e grosseira da riqueza mas obtemos uma ideia mais correcta do potencial conhecendo qual o número de fêmeas com mais de dois anos que constituem o grupo verdadeiramente produtivo e qual o número de crias que constituem a sua produção.

O efectivo total do sector tradicional, superior a 580 mil cabeças antes de 1961, veio descendo até 520 mil em 1966 e se bem que tivesse recuperado quase atingindo em 1970 o nível do início da década, as hecatombes climáticas da época 1970-1971 fizeram-no baixar para 536 mil, isto é, menos 50 mil cabeças ao fim de 12 anos.

No que respeita a fêmeas com dois e mais anos, o seu número tem-se mantido entre 200 e 230 mil cabeças numa tendência geral de descida.

Quanto às crias, mantêm-se estagnadas entre 80 e 100 mil cabeças.

Sector evoluído

O sector evoluído tem crescido. A partir de um efectivo total de 200 mil cabeças em 1960 e de uma estagnação na ordem das 235 mil cabeças entre 1963 e 1966, desenvolveu-se a partir de 1968, atingindo as 280 mil cabeças em 1972, não sofrendo, aparentemente, com as hecatombes climáticas de 1970-71 (taxa de crescimento anual de 2,85%).

O número de fêmeas com dois e mais anos, de 90 mil em 1960, cresceu na faixa dos 100 a 130 mil cabeças, atingindo o seu máximo em 1972 (taxa de crescimento anual de 3,0%).

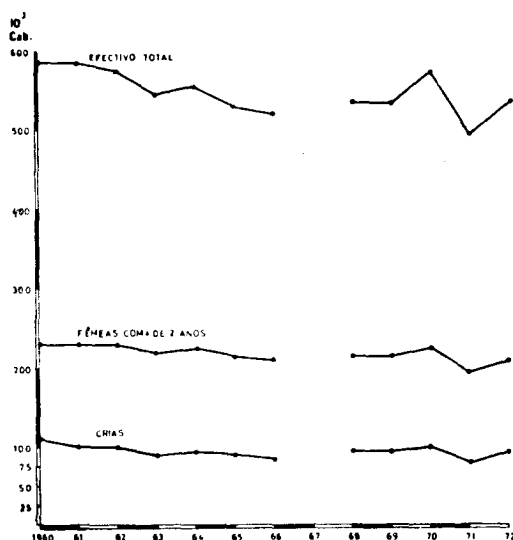
As crias mantiveram-se estagnadas entre 45 e 50 mil cabeças até 1966. A partir de 1968 o seu

número começou a crescer e se bem que tivessem sofrido com as dificuldades climáticas em 1970-1971, atingiram o seu máximo de 65 mil cabeças em 1972 (taxa de crescimento de 3,45%).

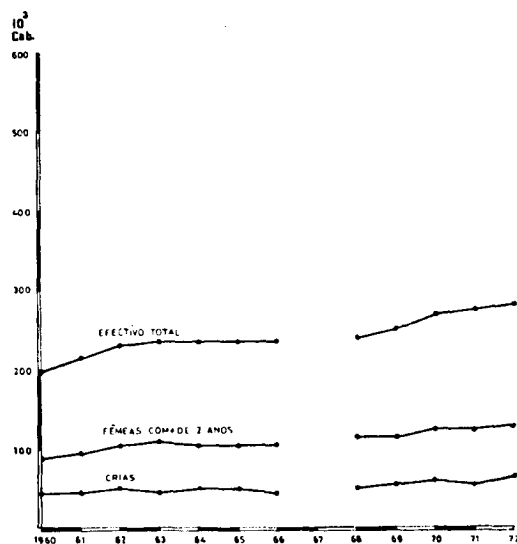
GRÁFICO 5

Evolução da estrutura produtiva do efectivo bovino por blocos regionais

Sector tradicional



Sector evoluído



CENTRO - OESTE

Sector tradicional

O efectivo total do sector tradicional cresceu nos primeiros oito anos do período, passando da ordem de 155 milhares de cabeças em 1960 para

205 milhares em 1968; a partir de 1969 entrou a decrescer, tendo sofrido as consequências do mau ano de 1970-1971 e todas as vicissitudes de subversão da área, e em 1972 regressou ao nível de 1966 com 190 milhares de cabeças.

O número de fêmeas com dois e mais anos teve praticamente uma evolução paralela ao do efectivo total, passando de 75 milhares de cabeças em 1960 para 90 milhares em 1972, o que dá uma ideia geral de estagnação.

O número de crias manteve-se praticamente nas 45 mil cabeças ao longo de todo o período.

Sector evoluído

No sector evoluído, o efectivo total, estagnado nas 70 mil cabeças entre 1961 e 1968, saltou para 90 mil em 1968 e a partir de 1969 voltou a crescer atingindo, sem sofrer a crise de 1970-1971, as 115 mil cabeças em 1972 (taxa de crescimento anual de 5,5%).

O número de fêmeas com dois e mais anos, depois de um período variando entre 25 e 35 mil cabeças, passou de 40 milhares de cabeças em 1968 para o seu máximo de 50 milhares em 1972 (taxa de crescimento anual de 5,8%).

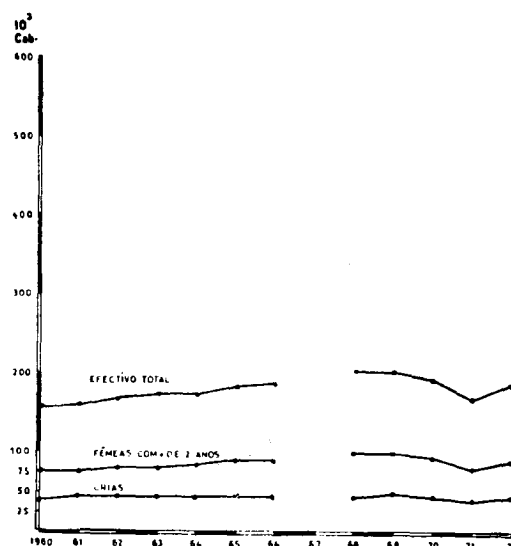
O número de crias, estagnado em 15 mil cabeças entre 1960 e 1965, novamente estagnado em 20 mil cabeças de 1966 a 1969, cresceu posteriormente atingindo 30 mil cabeças em 1972 (taxa de crescimento anual de 5,3%).

GRÁFICO 6

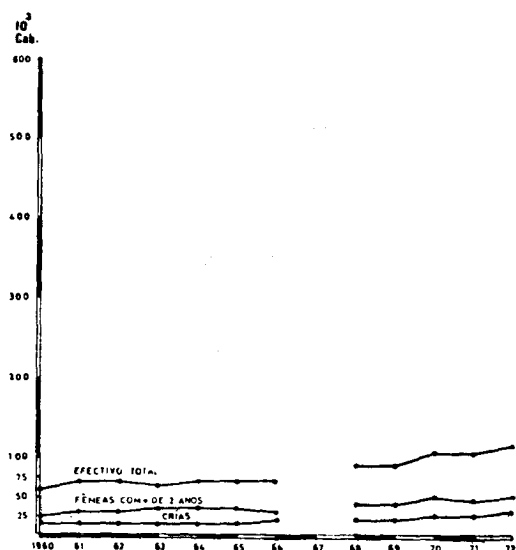
Evolução da estrutura produtiva do efectivo bovino por blocos regionais

CENTRO - OESTE

Sector tradicional



Sector evoluído



CENTRO - LESTE

Sector tradicional

O sector tradicional, de muito fraca representação em todo o período, cresceu em termos relativos três vezes, mas em termos absolutos o seu efectivo total apenas passou de 5 mil para 15 mil cabeças, do que resulta pouco significado para a taxa de crescimento anual de 12,5% verificada.

Os números são tão baixos que não é possível fazer a representação gráfica da evolução das fêmeas com dois e mais anos e das crias.

Sector evoluído

O sector evoluído do Centro-Leste é o mais dinâmico de Moçambique. Com um efectivo total de 80 mil cabeças em 1960, o que era equivalente a apenas 40% do efectivo do Sul, atingiu 205 mil cabeças em 1972, o que já equivale a 73% (taxa de crescimento anual de 8,45%).

As fêmeas com dois e mais anos cresceram também em ritmo relativamente elevado, passando de 35 mil cabeças em 1960 para 95 mil cabeças em 1972 (taxa de crescimento anual de 8,7%).

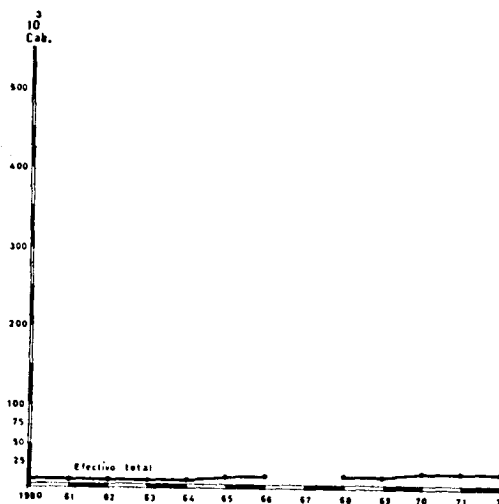
O número de crias passou de 15 mil cabeças em 1960 para 45 mil em 1972 (taxa de crescimento anual de 9,2%).

GRÁFICO 7

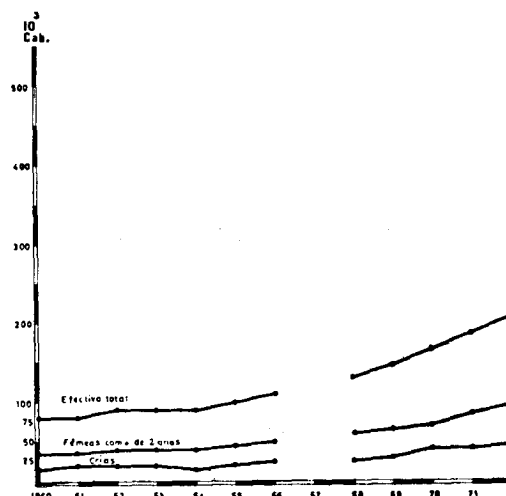
Evolução da estrutura produtiva do efectivo bovino por blocos regionais

CENTRO - LESTE

Sector tradicional



Sector evoluído



NORTE

Sector tradicional

O efectivo do sector tradicional do Norte tem tão pouca expressão que na escala utilizada só têm representação gráfica os números de 1963 e 1964. Não há, como é óbvio, qualquer espécie de progresso e nem sequer estagnação.

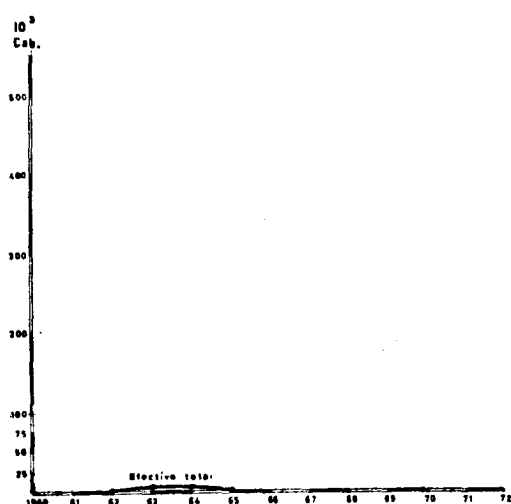
No sector evoluído há progresso, pois de 1960 para 1972 o efectivo total passou de 3 mil cabeças para cerca de 17 mil.

O efectivo é tão baixo que não é possível fazer-se na escala adoptada a representação gráfica da evolução do número de fêmeas com dois e mais anos e do número de crias, tendo até pouco significado. por essa razão, a taxa de crescimento anual de 15,5% verificada.

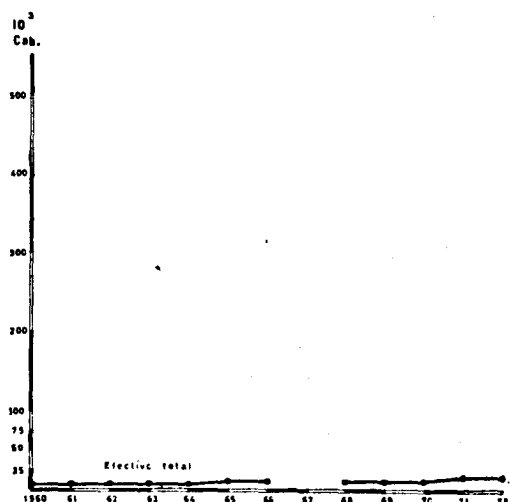
GRÁFICO 8

Evolução da estrutura produtiva do efectivo bovino por blocos regionais

Sector tradicional



Sector evoluído



*
* *

O panorama geral do sector tradicional é, afora o caso ainda com pouco peso do Centro-Leste, de degradação ou pelo menos de estagnação.

No sector evoluído, mesmo deixando de lado o ainda pouco significativo caso do Norte, tem-se progredido com certa lentidão no Sul e com dinamismo no Centro-Leste. A manterem-se as taxas de crescimento anual do período 1960-1972, a situação em 1979, no que respeita a número de fêmeas com dois e mais anos e a número de crias, será nos blocos regionais a sul do Lúrio a seguinte:

	Fêmeas c/2 e mais anos (milhares de cabeças)	Crias (milhares de cabeças)
Centro-Leste	169	85
Centro-Oeste	78	40
Sul	157	81

4 — EVOLUÇÃO DE ALGUNS INDICADORES DE EFICIÊNCIA DE MANEIO

Há um efectivo progresso do sector evoluído e estagnação ou mesmo retrocesso do sector tradicional. Mas haverá quantificáveis diferenças de manejo que justifiquem essas evoluções divergentes? É o que se vai tentar abordar neste capítulo.

Os indicadores a utilizar serão os definidos pelas relações “touro/100 fêmeas com dois e mais anos”, “bois/novilhos” e “crias/100 fêmeas com dois e mais anos”.

Na tentativa de uma mais detalhada visão, a análise será feita por distritos em cada um dos blocos regionais.

SUL

Distrito de Lourenço Marques

A evolução dos indicadores em apreço consta do Quadro 8.

QUADRO 8

Evolução de alguns indicadores de eficiência de manejo

DISTRITO DE LOURENÇO MARQUES (a)

	Sector	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972
Total de bovinos (milhar)													(a)	(a)
	Tradicional	167,2	170,4	171,4	160,7	164,2	158,1	157,1		161,8	161,7	168,5	145,9	150,5
	Evoluído	95,3	99,5	105,8	106,7	108,8	103,3	102,5		111,2	117,2	123,8	122,8	121,0
Fêmeas (c/2 e + anos)									Não feita a discriminação por sectores					
	Tradicional	68,9	70,8	71,8	69,6	71,8	69,6	69,2		69,5	68,8	71,1	62,7	64,9
	Evoluído	43,6	45,9	47,8	48,6	49,0	47,9	48,3		53,7	54,1	56,7	56,5	56,8
Touros/100 fêmeas														
	Tradicional	5,6	6,1	7,8	7,6	7,7	7,4	7,7		8,2	8,7	9,6	9,5	9,9
	Evoluído	3,6	3,4	4,0	3,7	3,6	3,6	3,7		3,6	3,7	3,8	4,4	3,9
Bois/novilhos														
	Tradicional	1,2	1,2	1,1	1,1	1,1	1,2	1,2		1,2	1,2	1,2	1,2	1,3
	Evoluído	0,7	0,6	0,6	0,6	0,7	0,7	0,7		0,6	0,5	0,6	0,6	0,5
Crias/100 fêmeas														
	Tradicional	49,8	47,6	44,1	40,6	40,9	41,2	40,4		46,1	47,6	47,3	43,2	46,1
	Evoluído	48,0	46,6	46,8	41,5	47,2	41,3	37,5		40,7	45,4	50,0	50,0	49,0

(a) A fim de serem utilizados os dados da série referentes a 1970 e anos anteriores, foi em 1971 e 1972 a Delegação de Sanidade Pecuária de Magude considerada como ainda não integrada no distrito de Lourenço Marques.

Relação "touros/100 fêmeas com dois e mais anos":

No sector evoluído esta relação encontra-se dentro dos limites que os veterinários da Província recomendam, 3,5 a 4 por 100 fêmeas em idade de procriar, daí resultando não só uma grande economia em reprodutores como também uma não sobrecarga da pastagem com elementos parasitas.

No sector tradicional, esta relação, de 5,6 em 1960, veio quase que sistematicamente aumentando, atingindo 9,9 em 1972.

Relação "bois/novilhos":

No sector evoluído esta relação foi sempre próxima de 0,5, o que significa que um boi é retirado da pastagem ao fim de um ano, deixando portanto alimento para as classes mais novas, de maior produto marginal de crescimento.

No sector tradicional esta relação tem-se mantido à volta de 1,2 o que significa que os bois são mais de dois anos mantidos na pastagem. Será que entre os 4 e os 5 anos um boi indígena ganha

mais peso e maior valor de carne que entre os 3 e 4 anos? Só se assim for é acertado neste aspecto o manejo dos criadores tradicionais de Lourenço Marques.

Relação "crias/100 fêmeas com dois e mais anos":

No sector tradicional esta relação, com um valor de 49,8 em 1960, degradou-se nos seis anos seguintes descendo a 40,4 em 1966; em 1968 aparece com 46,1 e depois de uma ligeira subida e da crise de 1970-1971 tem o mesmo valor em 1972.

No sector evoluído o valor desta relação no período de 1960 a 1969 não se distingue do do tradicional, sendo até em cinco anos mais baixo; a partir de 1970 melhorou, passando para o nível de 50.

Distrito de Gaza

Observemos o Quadro 9.

Evolução de alguns indicadores de eficiência de manejo

DISTRITO DE GAZA (a)

	Sector	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972
Total de bovinos (milhar)													(a)	(a)
	Tradicional	342,2	340,0	335,6	322,9	330,0	312,7	290,0		304,4	299,8	323,7	262,0	292,0
	Evoluído	97,0	105,7	117,2	121,9	121,5	124,9	125,6		122,4	130,2	136,1	138,3	142,4
Fêmeas (c/2 e + anos)														
	Tradicional	129,8	130,1	128,9	124,3	126,6	120,5	114,7		118,3	116,3	125,4	101,4	112,8
	Evoluído	42,6	46,4	51,3	55,5	54,1	54,5	55,0		55,9	57,9	59,8	61,9	63,5
Touros/100 fêmeas														
	Tradicional	9,2	9,1	9,0	8,7	9,2	9,8	9,6		10,4	11,1	11,3	11,9	11,3
	Evoluído	3,8	4,2	3,7	3,4	3,8	3,8	4,0		3,5	3,5	3,7	3,8	3,9
Bois/novilhos														
	Tradicional	1,8	1,8	1,9	1,8	1,8	1,7	1,9		1,9	1,8	1,7	1,7	1,9
	Evoluído	1,1	1,0	0,9	1,1	1,0	1,0	1,1		1,0	0,9	0,8	0,9	0,8
Crias/100 fêmeas														
	Tradicional	48,4	44,6	43,3	43,1	46,0	42,9	42,7		44,0	44,6	42,4	40,6	43,2
	Evoluído	47,5	47,9	49,7	41,3	50,0	49,3	49,2		49,0	49,0	48,8	46,5	54,4

(a) A fim de serem utilizados os dados da série referentes a 1970 e anos anteriores, foi em 1971 e 1972 a área da Delegação de Sanidade Pecuária de Magude considerada como ainda pertencente ao distrito de Gaza.

Relação "touros/100 fêmeas com dois e mais anos":

No sector evoluído esta relação, tal como no distrito de Lourenço Marques, tem um valor adequado variando entre 3,5 e 4.

No sector tradicional esta relação, já alta devido até à pequenez das manadas, degradou-se, passando do nível de 9 em 1960 para 11 em 1972.

Relação "bois/novilhos":

No sector evoluído esta relação anda à volta 1,0 com tendência a baixar nos últimos quatro anos. Mantém, pois, os criadores evoluídos de Gaza os bois na pastagem até aos 5 anos.

No sector tradicional a relação é elevada aproximando-se de 2,0 o que leva a concluir que os bois são mantidos na pastagem até aos 7 anos, o

que não terá inteira relação com a tracção animal, pois esta tem diminuído grandemente na área do distrito.

Relação "crias/100 fêmeas com dois e mais anos":

Não há evolução favorável deste indicador no sector tradicional. Com 48,4 em 1960 e 44,6 em 1961, não tem mais que 43,2 em 1972.

O sector evoluído há muito ronda os 50,0 e em 1972 foi ultrapassada essa barreira atingindo 54,4.

Distrito de Inhambane

Neste distrito, o de menor efectivo pecuário do Sul, tem havido nos últimos anos um grande incremento do sector evoluído como atesta o Quadro 10.

QUADRO 10

Evolução de alguns indicadores de eficiência de manejo

DISTRITO DE INHAMBANNE

	Sector	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972
Total de bovinos (milhar)	Tradicional	74,9	72,2	68,2	61,7	59,9	59,5	64,6		71,2	75,7	80,9	86,4	90,1
	Evoluído	7,5	7,9	7,7	7,6	7,0	6,7	7,1		8,5	9,3	12,0	15,5	15,9
Fêmeas (c/2 e + anos)	Tradicional	30,4	29,7	28,1	25,0	24,3	23,8	25,8		27,4	28,7	30,5	32,3	33,6
	Evoluído	3,7	3,8	3,7	3,7	3,3	3,4	3,5		4,3	4,7	6,2	7,8	7,6
Touros/100 fêmeas	Tradicional	24,8	25,3	27,1	28,3	30,5	34,0	37,0		38,2	37,4	37,9	39,3	39,9
	Evoluído	7,7	6,9	6,7	6,4	6,8	8,2	10,3		6,7	6,3	5,8	5,8	5,8
Bois/Novilhos	Tradicional	0,9	0,9	1,1	1,2	1,1	1,2	1,2		1,3	1,3	1,3	1,3	1,3
	Evoluído	0,5	0,4	0,4	0,4	0,3	0,3	0,5		0,3	0,4	0,2	0,2	0,1
Crias/100 fêmeas	Tradicional	34,6	35,2	35,8	34,3	35,8	30,1	35,4		42,0	42,0	41,2	43,0	43,4
	Evoluído	39,8	40,7	43,9	42,6	36,2	36,2	39,5		44,3	39,3	44,4	41,8	55,9

Não feita a discriminação por sectores

Relação "touros/100 fêmeas com dois e mais anos":

Esta relação neste distrito é escandalosa. Se é lógico que seja alta, devido ao pequeno efectivo da manada média, como adiante se verá, não se compreende que se tenha degradado por tal forma que de 25 em 1960 tenha passado a 40 em 1972.

No sector evoluído a relação é alta, ao nível de 6, pelo que os factos sugerem não haver no distrito a consciência de que a pastagem é um bem limitado e de que os touros a mais são meros parasitas.

Relação "bois/novilhos":

No sector tradicional esta relação, cujo valor vem crescendo, já é superior a 1,0, o que significa que os bois são mantidos na pastagem para além dos 5 anos.

No sector evoluído esta relação situa-se abaixo dos valores encontrados dos sectores evoluídos de Gaza e Lourenço Marques, mas parece não resultar do envio antecipado do gado para o matadouro e sim de serem mantidos inteiros muitíssimos machos adultos, o que constitui hábito generalizado no distrito, como se observa no Quadro 11.

QUADRO 11

Evolução da relação touros/bois

DISTRITO DE INHAMBANE

Sector	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972
Tradicional	0,72	0,75	0,79	0,78	0,88	0,97	1,05	—	1,02	0,97	0,93	0,97	1,00
Evoluído	0,61	0,57	0,60	0,57	0,64	0,82	0,91	—	0,76	0,67	0,99	0,96	2,15
Total	0,72	0,75	0,79	0,77	0,87	0,97	1,04	1,00	1,01	0,95	0,93	0,97	1,02

Dado, porém, o pouco peso da pecuária evoluída do distrito (apenas 15,9 milhares de cabeças de efectivo total em 1972) estas deficiências não devem constituir ainda motivo de preocupação.

CENTRO - OESTE

Distrito de Manica e Sofala

Relação "crias/100 fêmeas com dois e mais anos":

(actualmente Vila Pery e Beira)

No sector evoluído este indicador, ao nível de 35 entre 1960 e 1966, aparece ao nível de 42 e 43, respectivamente nos dois primeiros e nos dois últimos anos do último quinquénio. Foi este um dos dois únicos distritos em que no sector tradicional é melhor nos últimos anos o valor deste indicador em relação a 1960.

No sector evoluído o valor deste indicador é sempre baixo, dando, porém, um salto para 55,9 em 1972.

A área do que até fim de Dezembro de 1970 constituiu o distrito de Manica e Sofala foi das que mais cresceram sob o ponto de vista de pecuária bovina, pois, como se verifica pelo Quadro 12, o efectivo do sector tradicional, que não era despidendo em 1960 (24,2 mil cabeças) mais que duplicou até 1972 e o do sector evoluído partindo de 30,1 mil cabeças mais que triplicou no mesmo período.

QUADRO 12

Evolução de alguns indicadores de eficiência de maneio

DISTRITO DE MANICA E SOFALA (a)

	Sector	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972
Total de bovinos (milhar)												(a)	(a)	(a)
	Tradicional	24,2	25,4	26,6	26,8	25,8	30,7	32,0		37,9	41,9	44,3	48,2	52,2
	Evoluído	30,1	33,1	33,6	35,5	39,1	39,7	40,4		56,3	61,4	72,6	79,5	85,7
Fêmeas (c/2 e + anos)														
	Tradicional	9,6	10,0	11,0	10,8	11,0	12,9	13,6		16,1	17,4	18,6	20,4	22,1
	Evoluído	12,8	14,6	15,5	17,3	19,5	19,7	19,2		25,5	27,7	33,4	36,3	39,7
Touros/100 fêmeas														
	Tradicional	16,6	14,7	12,9	11,7	15,8	14,0	12,7		15,3	15,2	13,8	13,6	14,0
	Evoluído	5,2	4,5	4,2	3,7	4,1	3,6	3,4		3,7	3,4	3,3	3,7	3,5
Bois/novilhos														
	Tradicional	1,3	1,2	1,3	1,2	1,3	1,4	1,1		1,6	1,4	1,2	1,3	1,2
	Evoluído	0,7	1,5	0,6	0,6	0,5	0,5	0,2		0,3	0,5	0,4	0,5	0,4
Crias/100 fêmeas														
	Tradicional	51,0	53,7	42,7	51,5	45,0	47,2	37,5		43,9	50,7	49,3	47,5	47,5
	Evoluído	51,9	51,5	52,9	47,2	44,5	45,3	55,9		55,6	51,3	51,8	53,6	52,0

(a) Está incluída a área da Delegação de Sanidade Pecuária do Mandiê.

Relação "touros/100 fêmeas com dois e mais anos":

No sector tradicional esta relação tem um valor muito elevado, acima do verificado em Gaza.

No sector evoluído, o valor já se situa ao nível normal dos 3,5 a 4.

Relação "bois/novilhos":

No sector tradicional o valor desta relação indica que os criadores só se desfazem do seu gado depois dos 5 anos.

No sector evoluído o baixo valor desta relação, em geral de 0,3 ou 0,4, poderá ter explicação por razão de grande precocidade das raças provavelmente utilizadas pelos criadores conjugada com aquisição de bois originários de Tete tomados por novilhos devido ao seu pouco peso.

Relação "crias/100 fêmeas com dois e mais anos":

É Manica e Sofala dos distritos em que essa relação tem valores mais altos rondando o sector

tradicional a barreira dos 50 e o sector evoluído em geral acima dela com os máximos em 1966 (55,9) e em 1968 (55,6).

Distrito de Tete

O distrito de Tete está estagnado quanto ao efectivo. O sector tradicional, depois de um lento crescimento, atingiu o máximo de 166 mil cabeças em 1968; mas em 1972 tinha voltado ao nível de 130 milhares do início do período. O sector evoluído anda pelos 30 milhares de cabeças.

Os principais indicadores de manejo são os que se indicam no Quadro 13.

QUADRO 13

Evolução de alguns indicadores de eficiência de manejo**DISTRITO DE TETE (a)**

	Sector	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972
Total de bovinos (milhar)	Tradicional	132,1	134,8	140,9	146,6	149,8	154,9	155,8	Não feita a discriminação por sectores	166,8	163,6	148,2	121,4	136,4
	Evoluído	30,7	35,9	34,3	32,0	30,8	28,5	28,8		33,6	31,1	34,8	24,4	30,0
Fêmeas (c/2 e + anos)	Tradicional	65,4	65,7	68,4	71,3	74,3	77,0	77,7		83,4	82,1	76,0	61,4	69,2
	Evoluído	14,0	16,7	15,8	15,4	15,1	14,6	13,0		15,8	14,1	14,5	11,0	12,8
Touros/100 fêmeas	Tradicional	5,2	4,9	4,9	4,6	4,5	4,9	4,5		4,0	4,2	3,6	3,6	3,0
	Evoluído	4,1	3,9	4,0	3,5	4,5	3,9	4,2		4,6	4,6	4,5	4,6	4,7
Bois/novilhos	Tradicional	0,3	0,3	0,3	0,3	0,4	0,3	0,3		0,3	0,3	0,3	0,3	0,2
	Evoluído	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2		0,1	0,1	0,2	0,2	0,2
Crias/100 fêmeas	Tradicional	54,2	59,0	56,9	54,7	52,9	51,8	50,5		47,3	47,4	44,2	50,0	48,2
	Evoluído	60,1	53,5	56,5	50,8	46,0	51,1	56,8		46,6	46,2	51,8	56,6	58,0

(a) A área da Delegação de Sanidade Pecuária do Mandiê manteve-se, na elaboração deste quadro, excluída do distrito.

Relação "touros/100 fêmeas com dois e mais anos":

Neste distrito o padrão desta relação é o mesmo para os dois sectores, dando-se até o caso

de nos últimos 5 anos o valor ser, se bem que ligeiramente, mais baixo no sector tradicional.

Relação "bois/novilhos":

Aproxima-se o padrão deste indicador nos dois sectores, se bem que mais baixos os valores do sector evoluído. Mas esses valores são de facto tão baixos que parece estarem bois a ser tomados por novilhos.

aparece a nível mais baixo só tendo conseguido os 50 em 1971.

No sector evoluído apenas em três anos tem valor inferior a 50 e em 1972 atingiu 58 o que quase o situa a par do valor de 1960 (60,1).

CENTRO - LESTE**Distrito da Zambézia****Relação "crias/100 fêmeas com dois e mais anos":**

Este indicador, que no sector tradicional teve sempre valores acima da barreira dos 50 até 1966, atingindo mesmo 59 em 1961, a partir de 1968

No distrito da Zambézia o efectivo do sector tradicional é quase simbólico, mas o do sector evoluído é importante e mais que duplicou de 1960 para 1972, como se verifica no Quadro 14.

QUADRO 14**Evolução de alguns indicadores de eficiência de manejo****DISTRITO DA ZAMBÉZIA**

	Sector	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972
Total de bovinos (milhar)	Tradicional	1,4	1,8	2,0	1,9	2,2	2,3	2,1	Não feita a discriminação por sectores	2,0	2,6	2,7	3,0	2,6
	Evoluído	66,9	70,4	76,9	77,8	78,6	84,7	91,6		107,5	115,6	130,9	144,4	156,9
Fêmeas (c/2 e + anos)	Tradicional	0,7	0,9	0,9	0,9	1,2	1,1	0,9		0,9	1,2	1,2	1,5	1,2
	Evoluído	29,8	31,4	34,8	34,2	36,4	38,8	42,3		47,9	50,6	57,2	63,4	70,2
Touros/100 fêmeas	Evoluído	6,4	7,4	7,0	7,1	7,0	7,3	8,1		10,7	8,6	8,8	8,8	9,1
	Tradicional	3,6	3,7	3,6	3,5	3,8	3,5	3,7		3,9	3,3	3,4	3,1	3,0
Bois/novilhos	Tradicional	0,2	0,3	0,4	0,5	0,7	1,1	1,1		1,0	0,7	0,6	0,6	0,4
	Evoluído	0,6	0,6	0,6	0,5	0,5	0,5	0,4		0,3	0,2	0,2	0,2	0,3
Crias/100 fêmeas	Tradicional	54,6	54,6	73,9	70,0	35,3	44,9	62,1		52,8	53,1	51,0	51,5	62,1
	Evoluído	45,5	51,4	49,1	52,4	38,8	48,1	46,2		45,9	50,5	53,9	52,3	51,0

Relação "touros/100 fêmeas com dois e mais anos":

No sector tradicional esta relação tem o padrão do sector tradicional do distrito de Lourenço Marques.

No sector evoluído a eficiência é grande, situando o valor do indicador entre 3,0 e 3,5.

Relação "bois/novilhos":

Em qualquer dos sectores o gado não é esquecido na pastagem. No sector evoluído, que parece ter pelo melhoramento conseguido uma maior precocidade, o valor é muito baixo, entre os 0,2 e os 0,3.

Relação "crias/100 fêmeas com dois e mais anos":

No sector evoluído em seis anos o valor foi inferior a 50, mas isso antes de 1969.

O sector tradicional, afora os anos de 1964 e 1966, sempre teve valores para esta relação superiores a 50, tendo os seus máximos em 1966 e 1972 com 62,1.

Distrito de Moçambique

Neste distrito os efectivos ainda são pequenos mas têm crescido, como indica o Quadro 15.

QUADRO 15**Evolução de alguns indicadores de eficiência de manejo****DISTRITO DE MOÇAMBIQUE**

	Sector	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972
Total de bovinos	Tradicional	2,5	2,9	3,3	3,7	4,6	5,1	5,6	Não feita a discriminação por sectores	7,7	9,2	11,1	12,4	13,3
	Evoluído	10,6	11,7	12,1	12,0	11,9	13,9	16,8		23,6	28,7	35,2	41,9	48,1
Fêmeas (c/2 e + anos)	Tradicional	1,3	1,4	1,6	1,8	2,3	2,6	2,8		3,8	4,5	5,9	6,7	6,7
	Evoluído	4,9	5,6	5,7	5,7	5,5	6,6	8,1		11,8	14,9	18,4	21,9	24,3
Touros/100 fêmeas	Tradicional	10,0	8,7	8,3	7,5	7,1	6,6	9,9		7,6	9,5	8,2	7,6	9,1
	Evoluído	4,8	4,6	2,7	3,5	4,2	4,5	4,8		3,7	3,4	3,3	3,4	3,5
Bois/novilhos	Tradicional	0,3	0,2	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0		0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Evoluído	0,6	0,4	0,4	0,3	0,6	0,7	0,5		0,4	0,7	0,2	0,1	0,2
Crias/100 fêmeas	Tradicional	51,3	52,0	46,4	50,1	56,0	55,1	50,6		57,0	54,4	45,4	43,3	50,9
	Evoluído	47,2	36,2	31,7	41,2	43,4	42,1	40,3		44,5	37,4	39,2	40,9	41,2

Relação "touros/100 fêmeas com dois e mais anos":

No sector tradicional o valor da relação aproxima-se do verificado quanto ao mesmo sector no distrito de Lourenço Marques.

No sector evoluído os valores dos últimos anos estão na vizinhança dos 3,5.

Relação "bois/novilhos":

Não é possível apreciar esta relação neste distrito. Deve haver grande importação de gado

que destrói o equilíbrio em que estes indicadores têm significado.

Relação "crias/100 fêmeas com dois e mais anos":

No sector tradicional só em três anos o valor foi inferior a 50, sendo o máximo em 1968 (57,0).

No sector evoluído a serem utilizáveis estes indicadores, as coisas passam-se muito mal quanto à fecundidade: abaixo de qualquer dos sectores tradicionais até agora vistos.

NORTE

Distrito de Cabo Delgado

O efectivo do sector tradicional é praticamente inexistente e o do evoluído ainda muito pequeno.

Perante efectivos tão pequenos e para o sector evoluído, em fase de ampliação por importação, os valores dos indicadores pouco interesse têm. No entanto, por questões de curiosidade, foram calculados e constam do Quadro 16.

QUADRO 16

Evolução de alguns indicadores de eficiência de manejo

DISTRITO DE CABO DELGADO

	Sector	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972
Total de bovinos	Tradicional	0,1	0,0	0,1	0,0	0,1	0,1	0,1	Não feita a discriminação por sectores	0,1	0,1	0,2	0,1	0,2
	Evoluído	0,4	0,4	0,8	1,4	1,1	1,0	0,7		1,6	2,2	2,7	3,9	5,5
Fêmeas (c/2 e + anos)	Tradicional	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0		0,1	0,1	0,1	0,1	0,1
	Evoluído	0,2	0,2	0,5	0,9	0,5	0,5	0,4		1,0	1,3	1,5	2,1	3,3
Touros/100 fêmeas	Tradicional	2,7	4,5	3,5	3,7	1,9	2,8	—		7,6	4,7	4,8	—	3,4
	Evoluído	5,1	2,3	2,1	3,1	3,9	3,3	3,9		4,2	3,5	4,6	4,8	3,5
Bois/novilhos	Tradicional	—	—	—	—	—	—	0,2		—	—	—	—	—
	Evoluído	0,2	—	0,0	0,2	0,4	0,2	0,0		0,2	0,1	0,0	0,3	0,2
Crias/100 fêmeas	Tradicional	35,1	90,9	42,9	33,3	15,7	25,0	50,0		59,5	4,8	72,3	39,5	76,4
	Evoluído	42,1	70,7	25,2	40,4	55,6	58,4	27,6		30,7	32,0	44,3	36,2	26,7

Distrito do Niassa

O efectivo do sector tradicional do Niassa é apenas metade do da Zambézia e o do sector evoluído é da ordem do do sector tradicional do distrito de Moçambique.

O efectivo do sector evoluído já cresceu mais de quatro vezes, mas o do tradicional é mais pequeno que em 1960.

No Quadro 17 são apresentados, como mera curiosidade, valores calculados que têm pouco interesse face à pequenez dos efectivos.

QUADRO 17

Evolução de alguns indicadores de eficiência de manejo

DISTRITO DO NIASSA

	Sector	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972
Total de bovinos	Tradicional	2,0	1,9	2,1	2,2	3,0	1,1	0,6	Não feita a discriminação por sectores	0,5	0,5	0,7	1,0	1,3
	Evoluído	2,6	3,1	3,8	5,8	5,1	6,6	7,7		7,7	9,6	9,8	11,2	11,3
Fêmeas (c/2 e + anos)	Tradicional	0,9	0,9	1,1	1,1	1,5	0,5	0,3		0,3	0,3	0,4	0,5	0,7
	Evoluído	1,1	1,4	1,8	2,7	2,6	3,2	3,7		3,8	4,9	5,0	5,4	5,8
Touros/100 fêmeas	Tradicional	6,4	7,0	8,0	8,3	6,7	9,0	12,5		12,0	10,2	7,9	9,8	9,1
	Evoluído	3,2	3,0	3,6	3,8	3,2	2,7	2,5		3,3	3,9	2,7	2,9	2,8
Bois/novilhos	Tradicional	0,2	0,1	0,6	0,8	0,7	0,4	0,4		0,1	0,1	0,0	—	0,0
	Evoluído	0,2	0,3	0,3	0,5	0,5	0,8	0,9		0,7	0,6	0,3	0,6	0,1
Crias/100 fêmeas	Tradicional	64,5	51,5	32,5	41,3	39,9	53,2	46,1		47,4	37,1	29,8	43,1	42,6
	Evoluído	57,8	55,3	57,4	41,0	44,7	44,5	41,2		31,3	37,4	34,0	46,1	46,9

*
* *

Verificou-se neste capítulo que, tomada a pecuária em globo, têm valores desfavoráveis os três indicadores considerados.

A principal dificuldade para a melhoria do manejo do gado dos criadores tradicionais é o tamanho das manadas, como vem sendo sempre repetido. Efectivamente, a manada média do criador tradicional do Estado tem apenas 11 cabeças; no entanto, essa média ainda desce a 5 no distrito de Inhambane, em que o efectivo não é despendendo (Quadro 18).

QUADRO 18
Tamanho das manadas em 1972

Distritos e sector dos criadores	Número de criadores com bovinos	Número total de bovinos	Número de bovinos por criador
Total geral	71 837	1 355 613	19
Tradicional	69 142	738 553	11
Evoluído	2 695	617 060	229
Lço. Marques (a)	13 632	271 489	20
Tradicional	13 104	150 451	11
Evoluído	528	121 038	229
Gaza (b)	22 775	434 471	19
Tradicional	22 400	292 028	13
Evoluído	375	142 443	380

Distritos e sector dos criadores	Número de criadores com bovinos	Número total de bovinos	Número de bovinos por criador
Inhambane	16 691	106 043	6
Tradicional	16 545	90 093	5
Evoluído	146	15 950	109
Manica e Sofala (c)	6 533	137 940	21
Tradicional	5 581	52 190	9
Evoluído	952	85 750	90
Tete	8 863	166 405	19
Tradicional	8 749	136 361	16
Evoluído	114	30 044	264
Zambézia	461	159 569	346
Tradicional	200	2 633	13
Evoluído	261	156 936	601
Moçambique	2 650	61 424	23
Tradicional	2 421	13 284	5
Evoluído	229	48 140	210
Cabo Delgado	55	5 653	103
Tradicional	10	188	19
Evoluído	45	5 465	121
Niassa	177	12 619	71
Tradicional	132	1 325	10
Evoluído	45	11 294	251

(a) Sem o efectivo da Delegação de Sanidade Pecuária de Magude.

(b) Mantendo o efectivo da Delegação de Sanidade Pecuária de Magude.

(c) Englobando os distritos de Vila Pery e Beira.

Pequenas manadas independentes exigem proporcionalmente muitos touros e é essa a razão fundamental do elevado valor que no sector tradicional atinge a relação "touros/100 fêmeas com dois e mais anos". Acresce a esta dificuldade a

motivação negativa que, num sector em que é através da posse de gado que se aumenta o pecúlio e o prestígio, tem o melhor preço dos bovinos não castrados, conforme o Quadro 19.

QUADRO 19

Preços médios de bovinos adultos indígenas

		Distritos							
		Lourenço Marques	Gaza	Inhamitanga	Manica e Sofala	Tete	Zambézia	Moçambique	Cabo Delgado Niassa
Touro		3000	2460	1500	2500	1900	3000	3500	.. 2100
Bois	De trabalho	2500	1920	1500	..	1900	1900 1750
	De talho	2000	1824	1300	2000	1200	1700	3800	.. 1800

Fonte: Anuário Estatístico. Moçambique — 1970.

Pena é que até agora não se tenha encontrado uma contremotivação que pelo menos impedisse este indicador de uma constante degradação.

A relação "bois/novilhos" também é muito elevada no sector tradicional. Para isso contribuirá ainda a finalidade de aforro e não produção de carne da criação e a baixa precocidade do gado indígena. Quanto a este último aspecto, conviria que fosse estabelecida a função de produção de carne do gado tradicional para que, tendo em conta a diminuição do preço com o envelhecimento, fosse determinada a altura ideal de abate. E se se não dispõe de resultados de investigação

nesse sentido, bom seria que se fizessem pesagens de grupos de animais das sucessivas classes e sub-classes de idade a fim de pelos valores médios se estabelecer uma primeira função de produção carne em peso vivo.

No que respeita à relação "crias/100 fêmeas com dois e mais anos" o panorama é desolador nos dois sectores: só cerca de metade das fêmeas em idade de procriar é que pare. Se isso é o resultado de deficiências sanitárias ou genéticas, há que descobrir e actuar para a sua correcção, pois com o actual padrão não tem futuro progressivo a bovinicultura moçambicana.